



a Siahona

DEZEMBRO DE 1958

a Siahona

DEZEMBRO DE 1958

VOL. XII — N.º 12

Órgão Oficial DA MISSÃO BRASILEIRA DA IGREJA DE JESÚS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

a capa



IDA MASON e
ASAEL TAYLOR SORENSEN

É com um profundo sentimento de orgulho que vos dedicamos este número — a vós cuja influência inesquecível pairará sempre em nossas vidas de membros, bem assim como de missionários.

A Missão Brasileira está, certamente, em débito para convosco pela devoção infalível demonstrada à causa tão querida para nós todos, como seja, o Evangelho de Jesus Cristo.

Sinceramente oramos para que continuem convosco, sempre, as mais ricas bênçãos do Senhor.

EDITORIAL

Um Pensamento de Despedida.....	288
---------------------------------	-----

SEÇÕES ESPECIAIS

Sua Dúvida	289
A Verdadeira História do Natal.....	290
O Sermão da Montanha	292
A Fonte da Grandeza de Joseph Smith	296
Uma Família Dedicada	300

DE INTERESSE GERAL

Jóias do Pensamento	287
A Igreja no Mundo	287
O Crescimento da Missão Brasileira	302
Sacerdócio	303
Reminiscências	304
As Autoridades Gerais	308
Mestres Visitantes	315

REDAÇÃO

Editor — ASAEL T. SORENSEN
Redação — ROBERT L. ROLLINS

DIRETOR GERENTE:

Clarel Mafrá dos Santos
Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1
e Matricula de Oficinas Impressoras,
Jornais e Periódicos, conforme Decreto
N.º 4.857, de 9-11-1939.

MISSÃO BRASILEIRA

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal, 862
São Paulo, E. S. P. — Fone, 33-6761

PREÇOS:

Exterior: Ano	US\$3.00
No Brasil: Ano	Cr\$ 80,00
Exemplar	Cr\$ 7,00



O Criador Trabalha Através das Leis

por MILTON R. HUNTER
do Primeiro Conselho dos Setentas.

Desde que o Profeta Joseph Smith revelou ao mundo o fato que o primeiro princípio do Evangelho é conhecer a personalidade de Deus, e que o mundo estava mergulhado em escuridão espiritual, foi necessário que Elohim, o Pai Eterno, abrisse a Dispensação da Plenitude dos Tempos com uma nova revelação sobre Sua personalidade.

Como resultado daquela revelação e da restauração do Evangelho em sua plenitude, os Santos dos Últimos Dias aceitaram o fato de que Deus é onipotente, onisciente e todo-poderoso, e que Ele é conhecedor de todas as coisas.

Deus não realiza as coisas simplesmente porque o deseja mas também porque tem poder para fazê-lo. Entretanto, cremos que Ele age sempre de acordo com a lei natural. Cremos que Ele conhece e entende uma multidão de leis, um número infinito de leis eternas, e, através desse entendimento sobre elas e colocando-as em ação, Ele tem criado mundos incontáveis, isto é, incontáveis aos mortais.

Realmente, Ele criou esta terra onde vivemos e deu-lhe as leis ou pôs as leis em função, as quais governam a terra. Ele também pôs em ação as leis que governam todos os mundos que Ele criou.

Creemos que Deus é onisciente, que é sabedor de todas as coisas, que vê tudo e que ouve todos os sons. Em outras palavras, que Seus olhos e ouvidos desconhecem limites ou barreiras, e que Seu conhecimento é absolutamente ilimitado. Cremos até que tão grande é o infinito poder daquele Divino Ser, que Ele pode ver nossas mais íntimas atitudes, e que mesmo lê os secretos desejos de nossos corações. ■



• Quatro Autoridades Gerais Visitam a Missão Suíça-Australiana — Basel — Suíça —

A visita de uma Autoridade Geral é um acontecimento raro na Missão Suíça-Australiana, mas durante o verão passado, não somente um, mas quatro dos altos oficiais da Igreja visitaram a Missão. Este anúncio veio do Presidente da Missão, Jesse R. Curtis.

Esses recentes viajantes que assistiram reuniões na missão foram Presidente Joseph F. Smith, Elder Henry D. Moyle, Elder Hugh B. Brown do Conselho dos Doze e Bispo Thorpe B. Isaacson do Bispado em Presidência.

• Presidente McKay Dedica uma Estátua em Memória Heróica —

Um dos maiores acontecimentos jamais realizados na Praça do Templo em Salt Lake City, foi o monumento em homenagem ao Sacerdócio Aarônico que foi dedicado durante um programa especial que se iniciou às 19,00 horas de sexta-feira, 10 de outubro, no Tabernáculo.

O Bispo em Presidência, Joseph L. Wirthlin, juntamente com seus conselheiros, Bispos Thorpe B. Isaacson e Carl W. Buehner, o Bispado em Presidência, dirigiram o programa como a presidência do Sacerdócio Aarônico da Igreja.

A Primeira Presidência compareceu à dedicação e participou do programa.

(Veja o clichê na página do Sacerdócio).

• Jovens Belgas, Suíços e Francêses se Reunem

— Paris, França — Jovens belgas, francêses e suíços chegaram à cena da Exposição e Feira de Bruxelas, Bélgica, para a Conferência Anual dos Jovens da Missão Francêsa. Eles vieram de trem e ônibus especiais e foram imediatamente encaminhados para dormitórios reservados.

Desde o início até o tempo da partida calorosa e relutante, quatro dias depois, esses jovens se conduziram como corteses, amigáveis e entusiasmados representantes do Mormonismo. A maioria deles são membros há somente um tempo relativamente curto.

O tema para a conferência do último verão, "Avante", assinalou o espírito evidente conforme os jovens participaram de todas as atividades. Essas atividades incluíram uma noite de entretenimento, um banquete e baile, visitas à Feira e Exposição Internacional e sessões gerais da conferência no domingo.

Talentos inusuais foram exibidos em música, dança, drama e oratória e foram demonstrados, culminando muitos meses de preparação.

Uma noite memorável foi passada na Galeria Louise, onde 275 pessoas participaram dum banquete e baile. A música para o baile, foi provida por uma orquestra de missionários.

A culminância foi no domingo, durante as duas sessões da conferência geral. Presididas pelo Presidente da Missão, Milton L. Christensen e dirigidas por Robert Neu, do Ramo de Paris. A característica foi a apresentação do primeiro certificado de Master M-Man, concedido na Missão Francêsa. ■



UM PENSAMENTO DE DESPEDIDA

por Presidente Asael T. Sorensen

“...M AS, nos dias dêstes reis, o Deus dos céus levantará um reino que não será jamais destruído; e êste reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos êstes reinos, e será estabelecido para sempre”. O Deus Vivente certamente levantou novamente, pela última vez, o Seu Reino no dia 6 de abril de 1830, e êstes que Êle comissionou para construirem Seu reino não falharam, pois podemos ver quão firmemente está êste reino crescendo daquele pequeno núcleo de seis pessoas, para o que é contado hoje como um milhão e meio de pessoas.

Em 1929, quando os missionários vieram para a América do Sul para proclamar a mensagem da Restauração, muitos poucos abraçaram sua mensagem e por volta de 1935, quando a Missão Brasileira foi estabelecida, havia menos do que 30 membros no Brasil inteiro. Hoje vemos que o Reino está crescendo mais rapidamente do que nunca. O reino que foi restaurado pela última vez é um reino vivo e continuará a crescer até que, como disse Daniel: “esmiuçará e consumirá todos êstes reinos, e será estabelecido para sempre”.

Em 1959 nós edificaremos capelas em Pôrto Alegre, Curitiba, São Paulo, Londrina, Piracicaba, Campinas, Araraquara, Bauru, Ponta Grossa, e essas serão um símbolo diante de todos os brasileiros de que o Reino de Deus está firmemente estabelecido aqui nesta grande nação, e continuará a crescer e florescer até que a Verdade e Luz do Evangelho Restaurado destrua a escuridão das instituições feitas pelos homens.

Tem sido nosso privilégio durante êstes últimos cinco anos, ver e testemunhar o crescimento do Reino Restaurado aqui, entre os brasileiros. Amamos os santos

aqui do Brasil tanto quanto os de nossa própria terra. Reconhecemos a direção e guia de nosso Pai Eterno nos Céus em trazer êste crescimento maravilhoso que teve lugar nestes cinco anos passados. Se nos fôsse dado escolher, ficaríamos aqui neste trabalho para o resto de nossos dias. Aprendemos que êste grande trabalho progride mais rapidamente quando estamos plenamente unidos e juntos o puxamos. Sentimo-nos realmente em débito com nossos irmãos e irmãs, por seu amor e amizade e por sua compreensão bondosa.

Sentimos que alguns tenham sido ofendidos e para êsses, podemos verdadeiramente dizer que trabalhamos para o seu progresso e crescimento tanto quanto o fizemos por todos os outros. Não sabemos se teremos o privilégio de mais uma vez na mortalidade, saudar-vos, mas temos um testemunho verdadeiro de que na manhã da ressurreição, teremos a doce alegria de saudá-los novamente e gozar de sua maravilhosa companhia. Nós gostamos imensamente de nossos labores aqui e estaremos sempre agradecidos ao Senhor por nos ter chamado para servir em um tão grandioso lugar e sob circunstâncias tão favoráveis.

Oramos para que durante êste tempo de Natal, todos vós possais ser abençoados com o espírito de Paz e felicidade que vem através do serviço obediente ao nosso próximo e ao nosso Pai nos céus. Deixamos nossas bênçãos sobre vós, e também nosso testemunho de que Jesus é o Filho de Deus, o Salvador do mundo, e que Deus é nosso Eterno Pai e que esta é Sua única e verdadeira Igreja sobre a terra.

Com nossas melhores recomendações para todos nossos bons irmãos e irmãs, e com nosso amor fraternal.

■ A FAMÍLIA SORENSEN

sua duvida...

por Joseph Fielding Smith

Presidente do Conselho dos Doze

Tirado do *the Improvement Era*

«A INIQUIDADE DOS PAIS»

Pergunta: “Sou um professor da aula das gleaners. Este é o meu primeiro ano neste serviço. Estamos estudando os Dez Mandamentos. Poderia V. S. dar-me uma explicação da última metade do segundo mandamento, em Êxodo 20:5? Pareceu-me que a segunda Regra de Fé é uma contradição direta deste mandamento”.

Resposta: A escritura em questão é a seguinte: “...e visito a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem”.

A segunda Regra de Fé diz: “Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados, e não pela transgressão de Adão”.

A transgressão de Adão foi expulsão da presença de Deus e trazer morte física ao mundo. A maioria no mundo religioso mantém que toda criança nascida neste mundo tem o “pecado original”, ou partilha da transgressão de Adão em seu nascimento. A segunda Regra de Fé contradiz a tóla e errônea doutrina. Isto, entretanto, nada tem a ver com a última parte do segundo mandamento.

O que sua pergunta quer dizer, como a interpreto, é isto: você tem idéia de que o mandamento diz que quando um homem peca, seus filhos serão responsáveis por sua loucura e serão punidos por três ou quatro gerações. O mandamento não significa nada deste tipo. O Senhor nunca pune uma criança pelas transgressões de seu pai. Ele é justo e misericordioso. O significado real desta visita da iniquidade, é que quando um homem transgrede, ele ensina seus filhos a transgredir, e eles seguem seus ensinamentos. É natural aos filhos seguirem as práticas de seus pais e por fazer isso, sofrerem pela iniquidade dos mesmos, a qual, eles voluntariamente trouxeram sobre si.

Há numerosas outras passagens de escritura mostrando a justiça e misericórdia do Senhor, e que eles não serão punidos pelas transgressões dos pais. Aqui estão algumas:

1. Deut. 24:16.
2. II Reis 14:6 (compare com II Cron. 25:4).
3. Jeremias 31:29-30.
4. Ezequiel 18:20.



A Verdadeira História de Natal

*Compilada das Escrituras e
de Fontes Históricas
Autorizadas*

por W. CLEON SKOUSEN



NUNCA houve um Natal mais excitante do que o primeiro. Infelizmente, entretanto, a descrição histórica completa daquele primeiro Natal, raramente é contada. Há capítulos esquecidos, sepultados em relatos escriturais que as peças natalinas falham em relatar.

Talvez deveríamos primeiramente nos lembrar que Jesus nasceu em um país conquistado. Mais do que sessenta anos antes do Seu nascimento, as rodas de ferro dos carros romanos ressoaram nas ruas de Jerusalém, e Pompéia havia plantado as Águias Romanas sobre o Monte Sião. Outros conquistadores romanos seguiram, mas no fim, César Augusto colocou no poder um cruel e astuto Árabe para governar o povo judeu. Seu nome era Herodes, o Grande.

Herodes fingia ser um convertido ao Judaísmo. Ele iniciou a construção de um magnífico templo. Chegou mesmo a desposar uma princesa judia chamada Mariane ⁽¹⁾. Ela lhe deu dois filhos, mas eles nunca viveram para serem governadores na Judéia. Herodes, seu pai, havia cometido assassinios para assegurar seu trono, e quando ele viu o povo excitadamente aclamar Mariane e seus dois filhos meio-judeus, ordenou que os três fossem assassinados ⁽²⁾. Por esses, e outros crimes de Herodes, o povo o desprezava profundamente ⁽³⁾.

No ano 752 dos romanos ⁽⁴⁾, quando Herodes tinha mais do que sessenta anos, a porção central do novo templo estava praticamente

(continua na página 310)



Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do Rei Herodes, eis que vieram os magos do Oriente a Jerusalém.

E perguntavam: Onde está o Recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para adorá-Lo,

(Mateus 2:1-2)

O Sermão da Montanha

por DOYLE L. GREEN

P A R T E X I

EM algum tempo, durante a visita que Jesus fez a Galiléia pregando, curando os doentes, levantando os coxos, e expulsando demônios, Ele deu ao povo o que sem dúvida se tornou o mais famoso de todos os discursos do evangelho, já pregado. Nós o chamamos “O Sermão da Montanha” (1).

Mateus escreve: “E vendo a multidão subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se Dêle os Seus discípulos;

E, abrindo a Sua bôca, os ensinava...”

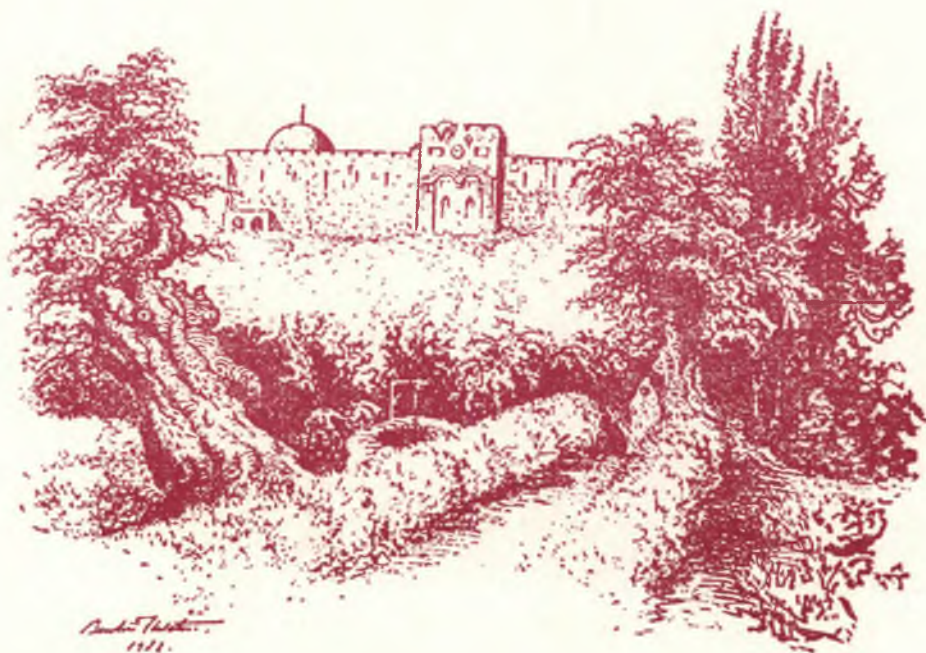
Pelo menos dois lugares são mostrados aos visitantes hoje em dia como possíveis lugares onde o Sermão da Montanha foi dado. O local dêste famoso acontecimento é de pouca importância. O que tem importância é que as palavras do Salvador foram escritas e chegaram a nós, e que nossas vidas seriam muito mais pobres sem as maravilhosas mensagens que foram dadas pelo Senhor naquele tempo.

O Sermão da Montanha é registrado em três

capítulos de Mateus, e inclui cento e onze versículos. Na primeira parte do Sermão, Jesus deu o que veio a ser conhecido como as “beatitudes”. Estas nove famosas e sempre citadas gemas do pensamento (2), tôdas começam com a palavra “bemaventurados”, indicando que “bênçãos”, ou felicidade, virão para aqueles que têm certas virtudes; o pobre de espírito: porque dêle é o reino dos céus; os que choram, porque serão consolados; os mansos, pois eles herdarão a terra; os que procuram a justiça, porque eles serão fartos, os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia, o puro de coração, porque êle verá a Deus; os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus; aqueles que sofrem perseguição por causa da justiça, pois dêles é o reino dos Céus.

“Bemaventurados sois vós”, disse o Salvador, “quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós, por Minha causa.

(continua na página seguinte)



JESUS E A MULTIDÃO.

*Fotografia por Camera
Clix, de uma pintura
por CARL BLOCH*



“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus, porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”.

Quão estranha esta doutrina deve ter parecido aos judeus. Eles tinham estado procurando por um rei que os livraria dos opressores e destruiria seus inimigos. O “reino de Deus” que eles esperavam era um reino de poder e glória e riquezas, não um de espírito quebrantado, de mansidão, de perseguição! Não para os filhos de Abraão, — o povo escolhido de Deus !

Provavelmente, sentindo a reação de alguns do povo às Suas palavras, o Salvador então disse-lhes que eram um povo escolhido, o sal da terra — a luz do mundo — mas que sua herança nada significaria se eles não fôsem retos.

“Assim, resplandeça a vossa luz diante dos homens”, exortou Ele, “para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”.

Continuando o Sermão, Jesus disse: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim abrogar, mas cumprir”. Ele então deu algumas novas interpretações às leis de Moisés, ou os Dez Mandamentos, pondo ênfase, não somente nos maus atos, mas sobre os pensamen-

tos de uma pessoa, que podem levar a um mau ato. Ele apontou que se irritar contra alguém e pensar mau dêle é pecado. Tais pensamentos podem levar ao horrível pecado do assassinato.

Continuando neste tipo de raciocínio, Ele disse: “Ouviste o que foi dito aos antigos: não cometerás adultério.

“Eu porém vos digo que, qualquer que atentar numa mulher para cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”.

No sermão, o Senhor previu os males de tais práticas como o divórcio e o juramento. Ele pôs de lado a antiga lei de “ôlho por ôlho e dente por dente” e a idéia de que devemos amar nosso próximo e odiar nossos inimigos. A nova doutrina que Ele apresentou foi: “Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem...”

Ele então instruiu aos Seus discípulos: “Sêde vós pois perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus”.

Foi durante o Sermão da Montanha que Jesus nos ensinou como orar, dando-nos aquelas belas palavras que vieram a ser conhecidas como “O Pai Nosso”:

(continua na página seguinte)

*"Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu nome,
Encha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na
[terra como no céu;
E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos
[aos nossos devedores;
E não nos induzas a tentação; mas livra-nos do mal; porque
[Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém".*

A importância do jejum foi enfatizada pelo Salvador; a idéia de que um homem não pode servir a dois senhores foi explicada:

"Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça..."

Instruiu Êle:

"Não julgueis para que não sejais julgados..."

"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á".

Foi também nesta ocasião que Jesus deu o que se tornou conhecido como a "Regra de Ouro", dizendo:

"Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas".

O Salvador então, instruiu Seus discípulos a entrarem pela porta estreita, a se acautelarem contra os falsos profetas, e explicou que eles conheceriam as pessoas pelos seus frutos. Concluindo o imperioso sermão, Êle relatou a seguinte parábola:

"Todo aquele pois, que escuta estas Minhas palavras, e as pratica, assimará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

"E desceu a chuva, e correram os rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas Minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda".

Quando o Senhor terminou Suas grandes palavras de instrução e guia, o povo novamente "se admirou de Sua doutrina":

"Porquanto os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas".

Os escribas e fariseus, que eram a classe instruída dos mestres da época, existiam para instruir o povo a dura e rápida lei que havia sido estabelecida por seus líderes através de gerações. Eles não ousavam se desviar nem um pouco das regras prescritas. Êstes ensinamentos de Jesus, por outro lado, eram frescos, novos e práticos. Êle não pregava por meio de um livro, ou lia algo que outro havia escrito. Suas palavras eram vitais e refrescantes para aqueles que queriam ouvir a verdade, mas para os escribas e fariseus, elas eram ofensivas e blasfemas.

Quando Jesus deixou o monte, grandes multidões de pessoas O seguiram e viram outra maravilhosa cura. Esta vez foi um leproso que veio ao Salvador e disse: "Senhor, se quiseres, podes fazer-me limpo".

Todos aqueles que estavam presente e ouviram o pedido, devem ter pensado em o que faria o Senhor. Lepra era, e ainda é, uma doença horrível. Há muitos estágios da doença, e ela é tão séria que os leprosos naquele tempo eram afastados da sociedade e isolados do resto do povo. Quando eles chegavam perto das pessoas que não estavam atacadas da doença, era-lhes pedido que gritassem, "Imundo, imundo".

Quando Jesus viu o estado triste em que êste homem estava e compreendeu a grande fé que êle tinha, foi movido por compaixão. Êle tocou-o com Sua mão e disse: "Eu quero, sê limpo". Tão depressa quanto o Senhor tinha falado, o homem foi curado da doença.

Jesus pediu ao homem que fôsse ao sacerdote... "e apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho", mas ao mesmo tempo Êle pediu-lhe que não espalhasse a notícia da cura pelo povo. Quando se espalhou a palavra de que êste homem da Galiléia podia curar até mesmo a horrível doença da lepra, maiores multidões rodearam a Jesus para serem ensinadas e para serem curadas de suas doenças.

Uma grande lição quanto a necessidade da oração é ensinada a nós pelo Salvador por Suas próprias ações por todo o Seu ministério. Não obstante o fato de que Êle era o Filho de Deus,

(continua na página seguinte)

O Criador, e o Salvador do mundo, Ele sentia constantemente necessitado de comunicação com Seu Pai Celestial. Em adição às constantes orações, que Ele deve ter oferecido, quando podia, Ele Se retirou para o deserto por extensos períodos, para meditação e orações.

Novamente Jesus foi à cidade de Cafarnaum. Rápidamente se espalhou a palavra de que Ele estava em certa casa, e, o povo se reuniu ali para vê-Lo, para ser instruído e para ser abençoado. Nesta ocasião, quando “havia fariseus e doutores da lei sentados, os quais haviam vindo da Galiléia, de toda cidade, e Judéia e Jerusalém...” tantas pessoas se haviam reunido que a casa estava cheia, e o pátio e os jardins estavam repletos.

Esta era a situação que um grupo que queria levar à Jesus um homem que estava “paralítico”, encontrou. Qual era exatamente a natureza da doença, é difícil determinar, mas, de qualquer maneira, sabemos que o homem estava em tal condição que não podia andar. Seus amigos o estavam carregando em “uma cama”.

Achando impossível levá-lo através da multidão, os homens subiram ao telhado da casa com seu amigo doente, provavelmente por meio de uma escada externa, e baixaram o homem através uma abertura no telhado, até a sala onde Jesus Se encontrava ensinando. Quando Jesus viu a grande fé dos homens, disse ao homem doente: “Filho, ide em paz, teus pecados te são perdoados”. Imediatamente os escribas que estavam evidentemente seguindo a Jesus para ver se podiam encontrar alguma coisa contra Ele, pensaram consigo que Ele blasfemava, porque clamava ter poder para perdoar pecados. Eles sabiam que ninguém mais além do Senhor tinha esse poder.

Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos disse: “Por que pensais mal em vossos corações?”

“Pois, que é mais fácil dizer, vossos pecados são perdoados, ou, levanta-te e anda?”

“Para que possais saber que o Filho do homem tem poder na terra para perdoar pecados, (então disse Ele ao paralítico) levanta-te, toma tua cama e vai para tua casa”.

O homem doente se levantou, tomou sua ca-

ma e voltou para sua casa curado da doença. O povo que testemunhou o acontecimento naturalmente ficou maravilhado do grande poder de Jesus.

Desta cidade, Jesus foi para as bandas do Mar da Galiléia. Novamente, as multidões O seguiram. Conforme Ele andava, encontrou um homem chamado Levi, também conhecido como Mateus. Mateus era um publicano, ou um coletor de impostos. Os coletores de impostos eram odiados pelo povo judeu e eram classificados por eles como pecadores. Através dos evangelhos, onde a palavra “publicano” é mencionada, a palavra “e pecadores” a seguem. Os judeus não gostavam de pagar impostos a Roma. Fazê-lo, era uma lembrança de que eles não eram livres. O pensamento de que eles, “os filhos de Abraão”, estavam sob o jugo de estrangeiros, era realmente desgostoso.

Deve ter sido com grande aflição, portanto, que esse povo ouviu Jesus dizer a esse publicano: “segue-Me”. Jesus sabia, que apesar de sua posição, Mateus era um homem reto, um homem cheio de fé, um homem que cria. Jesus não errou, pois Mateus se levantou e seguiu-O, e tornou-se um fervoroso discípulo, e mais tarde um apóstolo.

Algum tempo depois deste encontro, Mateus convidou Jesus para jantar em sua casa. O evangelho relata que muitos “publicanos e pecadores se sentaram junto com Jesus e Seus discípulos...”

Quando os fariseus viram Jesus na festa, disseram aos Seus discípulos: “Como é que Ele come e bebe com os publicanos e pecadores?” Ouvindo a pergunta, Jesus respondeu: “Os santos não necessitam de médico, mas aqueles que estão doentes: Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”. ■

(1) *Nota do Editor*: — Todas as citações deste artigo são dos capítulos 5, 6, 7, 8, 9 de Mateus e capítulo 5 de Lucas.

(2) Alguns escritores dizem que há oito beatitudes, sendo dado ênfase especial à última.

LEIA NO PRÓXIMO MÊS:

JESUS ESCOLHE DOZE APÓSTOLOS

traduzido por NIVIO ALCOVER



Joseph Smith, Profeta de Deus

*"Viveu grande
e morreu grande
aos olhos de
Deus e de seu
povo..."*

(D. e C. - 135:3)

*por Elder JOHN A. WIDTSOE,
do Conselho dos Doze*

EU gostaria de dizer alguma coisa sôbre o caráter de Joseph, que o fêz habilitado para o serviço do Senhor. É verdade que êle recebeu uma educação magnífica, vinda de fontes divinas, durante a década entre a primeira visão e a organização da Igreja. Mas, esta educação foi possível devido às qualidades inatas de seu caráter. Até mesmo o Senhor precisa de bom material, se um bom e grande homem deve ser formado.

Desde sua meninice, o caráter de Joseph

Smith mostrou os elementos da grandeza. É o veredito dos anos nos quais os trabalhos de sua vida e seus esforços foram cheios de grandeza.

Grandeza é um produto de muitas causas. É como o poderoso e forte rio, alimentado e feito possível por milhares de pequeninos riachos montanhosos.

O mesmo com Joseph Smith. As reflexões de inúmeras facetas de seu caráter fêz o retrato de sua grandeza. Que êle foi grande, comparando aos homens de seus dias, e anteriores, tornou-se o julgamento dos anos passados, na bôca de todos os estudantes honestos da vida do Profeta.

Podemos ter tempo para mencionar cinco das qualidades que o fizeram grande. Elas eram humanas, mas nunca vacilantes. Elas aparecem em todos os seus atos. Elas são como que as pedras de esquina do seu caráter.

Primeiro, êle tinha u'a inutável fé e confiança em Deus. Segunda, êle estava apaixonado pela verdade e acreditava que Deus ajuda ao investigador. Terceira, êle era humilde; procurava pouca honra para si mesmo. Quarta, êle amava seu próximo. Por êles, êle lutava; por êles, êle morreu. Quinta, êle era obediente. A lei de Deus foi sempre a sua lei.

Estas qualidades sempre levam à grandeza. Sem elas, não pode haver grandeza verdadeira.

A fé que Joseph tinha em Deus, em Sua existência, realidade e relação com o homem, era soberba. Êle tomava Deus em Sua palavra, como na primeira visão; e através da vida êle se aconselhou com o Todo-poderoso, e não tentou agir só, sob seus próprios julgamentos. O objetivo de sua vida era crescer em direção à semelhança de Deus. Êle disse:

"Se desejais ir para onde Deus está, precisais ser como Deus, ou possuir os princípios que Deus possui, pois se não estamos nos dirigindo em direção a Deus em princípio, estamos nos afastando d'Êle e nos dirigindo em direção ao Demônio... Buscai em vossos corações e vêde se sois como Deus. Eu busquei no meu, e senti-me arrepender de meus pecados" ⁽¹⁾.

Seu amor pela verdade foi o início da sua busca; possuir a verdade, era o propósito de seu desejo mais interior. A verdade era o bordão medidor de sua conduta e ensinamentos. A história de Joseph, começa com seu pedido pela verdade, que levou à primeira visão. O sóbrio parágrafo do término daquele recital, é o alicerce dos seus feitos:

"Eu tinha agora satisfeita minha mente quanto ao mundo sectário; que eu não devia filiar-me a nenhuma delas, mas para continuar como estava, até que recebesse instruções posteriores. Eu me havia convencido que o testemunho de Tiago era verdadeiro, que se um homem tem falta de sabedoria, pode pedir a Deus, e obter, e não lhe será lançado em rosto" ⁽²⁾.

(continua na página seguinte)



JOSEPH SMITH, o Profeta,
nasceu no dia 23 de dezembro de 1805.

Uma nota jubilante é soada em sua resposta quando do retorno da entrevista divina, à solícita pergunta de sua mãe quanto à sua disposição:

“Não se incomode. Tudo vai bem — eu estou bastante bem. Aprendi por mim mesmo que sua igreja não é verdadeira” (3).

Em meio às tribulações da Igreja em Nauvoo, James Arlington Bennett propôs-se para ser o braço direito do Profeta, e para dar o auxílio necessário naqueles dias estenuosos. Cortesmente a proposta foi recusada com soantes palavras; como uma forte batida numa bigorna, Joseph declarou sua dependência certa à verdade:

“Eu combato os erros de eras, encontro a violência de populações, arco sob processos ilegais procedentes de autoridades executivas; corto os nós gordianos de poderes; e resolvo os problemas matemáticos de universidades, com verdade — verdade de diamantes — e Deus é meu braço direito” (4).

A posse da verdade fêz dêle um destemido com a coragem de um leão. Quando o povo de Palmyra e vizinhanças, durante a impressão do Livro de Mormon, realizou uma reunião da massa e passou uma resolução contra sua ventura, sua única resposta foi guardar o manuscrito do Livro com mais cuidado (5).

Não houve deslealdade à verdade, nenhuma fuga dela. Ele não podia trocar a verdade pela aprovação pública. Assim, êle não só publicou o Livro de Mormon, mas também organizou a Igreja do Senhor que desafiava os erros populares e as superstições de séculos.

Enfrentando os terrores de Nauvoo, êle escreveu ao comandante da Legião: “Fazei que o semblante de cada homem seja com a face de um leão, fazei com que seu peito seja como um poderoso e inabalável juramento” (6).

Remover as inverdades de seu pedestal, é um trabalho irreconhecido. O Profeta e seus companheiros, durante as perseguições de Missouri, foram sentenciados a serem fuzilados. Joseph perguntou porque eram “assim tratados”; e adicionou que “não estava ciente de ter feito qualquer coisa que o tornasse digno de

tal tratamento”. A resposta do General Wilson, ecoou o ódio eterno que a mentira tem pela verdade: “Eu o sei, e esta é a razão porque vos desejo matar, ou tê-lo morto” (7).

Tal ódio seguiu o Profeta; mas tôda a verdade se aninhou em seu coração, e deu-lhe coragem.

Joseph Smith era um homem humilde. Êle reconhecia que era somente um instrumento nas mãos de Deus. Êle não tomou glória alguma para si. Em uma reunião em Nauvoo, com Santos que haviam chegado recentemente, êle disse nobres palavras:

“Eu lhes disse que nada mais era do que um homem, e que não deveriam esperar que eu fôsse perfeito; se êles esperavam perfeição de mim, eu a deveria esperar dêles; mas se êles suportassem minhas enfermidades e as enfermidades dos irmãos, eu, da mesma maneira, suportaria suas enfermidades” (8).

Em uma ocasião, êle se caracterizou:

“Eu sou uma enorme e rude pedra rolando de uma alta montanha; e o único polimento que obtenho, é quando uma das arestas se desgasta por ir contra alguma coisa, jogando-se com fôrça acelerada contra o fanatismo religioso, clericanismo, a astúcia dos advogados, juizes subornados, executivos perjuros, endossados pelas populações, blasfemos, licenciosos ou corruptos homens e mulheres — todo o inferno, tirando uma aresta aqui, uma outra ali. Assim, eu me tornarei uma lança lisa e polida no tremor do Todo-poderoso, que me dará domínio sobre todos e cada um dêles, quando seu refúgio de mentiras falhar, e seu esconderijo fôr destruído, enquanto essas pedras polidoras e alisadoras com as quais tive contacto serão desfiguradas” (9).

Êle era corajoso, mas sempre humilde. Somente os homens humildes podem galgar os degraus para a grandeza.

Joseph Smith amava o seu próximo. Êle não hesitou em dizer-lhes tal, ou em mostra-

-lhes seu amor, por seus atos. O fim de uma carta para Jared Carter é o seguinte:

“Eu amo vossa alma, e as almas dos filhos dos homens, e oro e faço tudo que posso pela salvação de todos” (10).

Foi através de Joseph que o Senhor revelou uma dignidade nova e verdadeira. Os homens são filhos espirituais amados de Deus. Isto faz todos os homens da raça de Deuses, com destinos semelhantes aos d’Êles.

Na luz desta divina origem e destino do homem, êle entendeu as palavras do Senhor:

“Lembraí-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus; e se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias proclamando arrependimento a êste povo, e trouxerdes a Mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de Meu Pai” (11).

Esta alegria, o Profeta sentiu através de seus anos.

Através das páginas do diário do Profeta, corre um espírito de amor pelo seu próximo. Êle estimava a suas amizades, e falava delas com um amor tão terno que fazia derreter o coração. Quando urgiu que êle fôsse a Carthage, onde foi martirizado, êle disse: “Se minha vida não tem valor para meus amigos, não o tem também para mim” (12).

Na causa que êle representava, êle se esqueceu de si e pensou apenas nos outros.

Joseph Smith era um homem obediente. Humildade sempre exala obediência. Em adição, as revelações que êle recebeu de Deus fizeram da obediência à verdade o principal fator de uma vida feliz no evangelho. Êle declarou que: “Se uma pessoa, por sua diligência e obediência ganha mais conhecimento e inteligência do que uma outra, ela terá muito mais vantagem na vida futura” (13). Dêle veio também a afirmação de que: “Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, sôbre a qual tôdas as bênçãos são fundadas, e quando de Deus recebemos uma bênção, é pela obediência àquela lei sôbre a qual a bênção se funda” (14). Isto fêz da obediência à lei, o primeiro princípio ativo para o sucesso na vida.

Sua vida foi um exemplo de obediência. Foram-lhe mostradas as placas do Livro de Mormon; êle sabia onde elas se encontravam; mesmo assim, apesar da sua pressa natural de possuí-las, êle obediamente somente as viu uma vez ao ano, como lhe tinha sido ordenado. Obedientemente, como o Senhor guiou, êle foi de lugar a lugar, construiu templos em meio da pobreza do seu povo, sujeitou-se a processos e fadigas, aceitou o casamento plural em face da sua educação na monogamia — e de tôda maneira, através de sua vida, mostrou obediência à vontade do Senhor. Como Abraão do passado, tudo seu poderia ser pôsto no altar do Senhor.

Por essas provas, como por muitas outras, Joseph Smith foi um grande homem.

Fé em Deus, amor à verdade, sincero amor a nossos semelhantes, e sincera e não vacilante obediência são sempre marcas distinguidoras da grandeza. Isto não se aplica sômente a Joseph, mas também a seus seguidores que vivem atualmente.

A Igreja, como uma organização, nunca deve falhar em apelar a Deus, ou seguir além dos limites da verdade; mas, deve olhar-se como a um mero instrumento nas mãos de Deus para realizar Seus propósitos; e em todos os seus trabalhos deve ser uma bênção à humanidade.

Eu vos presto meu testemunho de que Joseph Smith foi um profeta de Deus, e que êle restaurou à terra o puro e simples evangelho de Jesus Cristo.

Possa a luz da verdade iluminar sempre a jornada de vossas vidas; para que possais encontrar e conservar o maior conhecimento, sôbre o qual a verdadeira felicidade é edificada. ■

(1) History of the Church, vol. 4:588.

(2) History of the Church, vol. 1, p. 8.

(3) Ibid., vol. 1:6.

(4) Ibid., vol. 6:78.

(5) Ibid., vol. 1:76.

(6) Ibid., vol. 5:94.

(7) Ibid., vol. 3:190, 191.

(8) Ibid., vol. 5:181.

(9) Ibid., vol. 5:401.

(10) Ibid., vol. 1:339.

(11) Doutrina e Convênios, 18:10, 15.

(12) History of the Church, vol. 6:549.

(13) Doutrina e Convênios, 130:19.

(14) Doutrina e Convênios, 13:20, 21.



Da direita para a esquerda: Presidente Asael T. Sorensen, Sister Ida M. Sorensen, Ellen, Norma Jean, Kristine, Colleen, Asael Taylor, Jr., Mark Wayne e "Tippy".

Uma Família Dedicada

«Durante tôda minha vida, meu primeiro e mais profundo desejo foi o de realizar o trabalho do Senhor, especialmente no campo missionário. Eu muito me maravilhei com o fato de ter o Senhor me permitido ir e servi-Lo como missionário».

ASAEL T. SORENSEN

QUASE todo fim de semana, nestes cinco anos passados, um grande e bondoso homem beijou sua esposa e filhos, despedindo-se; subiu em um avião, trem, ônibus ou carro, a fim de continuar uma rígida viagem pelo norte, sul e centro do Brasil. Um plano que, em cinco anos, agregou mais do que 600.000 quilômetros.

* Todo fim de semana, êste mesmo homem era saudado em distritos, ramos e lares, através de tôda extensão e largura da Missão Brasileira, enquanto propagava, sem descanso, a coisa que mais perto estava do seu coração — O evangelho de Jesus Cristo. Seu largo sorriso, suas ma-

neiras compreensivas e seu coração dedicado marcaram-no entre seus amigos e irmãos como a um dos mais verdadeiramente inesquecíveis indivíduos que êles jamais conheceram. Seu nome: Presidente Asael Taylor Sorensen.

A família Sorensen chegou ao Brasil no dia 21 de novembro de 1953. Naquele tempo, tinham quatro pequenas garotas: Ellen, Norma Jean, Kristine e Colleen. Nos últimos cinco anos, dois meninos foram adicionados à família, — Asael e Mark.

Tendo servido em uma missão no Brasil de 1940 a 1942, o Presidente Sorensen encontrou

(continua na página seguinte)

pouca dificuldade com a língua portuguesa. E desde o dia da chegada, até o presente, procedeu o estabelecimento de um relatório invejável como um presidente de missão, — um que será sempre lembrado por todos que o conheceram.

Durante o período de cinco anos, 280 missionários americanos e 51 brasileiros, trabalhando sob a liderança do Presidente, duplicaram, praticamente, o número de membros da Missão Brasileira. Como um prelúdio ao gigantesco plano de construção de capelas no Brasil, Presidente Sorensen foi o responsável direto pela compra de 15 terrenos para capelas, e pela doação de dois outros adicionais.

Ele presidiu centenas de conferências, aconselhou centenas de missionários e membros, e foi responsável por um programa de desenvolvimento dos membros em toda a missão, que incluiu a tradução e publicação dos livros padrões, manuais e comentários.

Asael T. Sorensen não é um homem comum e medir sua dignidade somente pelas suas realizações visíveis que foram mencionadas, seria uma grande injustiça para com ele e outros como ele. Ele é um homem de caráter e princípio genuínos e o bem enorme não visto por nós que fez ao Brasil, sem dúvida alguma sobrepu-

ja grandemente o que pode ser medido e calculado. As centenas de pessoas cujas vidas foram influenciadas por suas palavras. As outras centenas que foram influenciadas por suas obras. Aquêles que serviram com ele e a ele serão sempre gratos pelo seu exemplo. Seu efeito nesta missão será de uma eterna consequência.

Em se falando das grandes realizações de um homem, o homem, grande como possa ser, somente pode ser bem sucedido o quanto aqueles que o amam desejam que ele seja. Pois é de suas orações, seus sacrifícios, sua compreensão e seus desapontamentos que o homem retira a coragem para ter sucesso. A história de Asael T. Sorensen no Brasil, seria incompleta sem que mencionássemos aquela que mais o ama: sua esposa, Ida M. Sorensen. Nós a bendizemos e agradecemos por sua contribuição ao Brasil. Uma contribuição que somente a esposa de um Presidente da Missão pode dar... uma contribuição que poucos podem entender, mas centenas apreciam.

Um adeus não é certamente um fim apropriado para a grande história dos Sorensen no Brasil. Tantos corações cheios de muito amor e respeito não podem dizer adeus. Esta é a maneira que deveria ser... não adeus, mas "*Até nos vermos. Deus esteja sempre convosco*". ■

G. J. N.

**Nós estendemos nossa sincera gratidão ao
Presidente Asael T. Sorensen e sua família, por
seus infatigáveis e inesquecíveis serviços durante
sua missão aqui no Brasil.**

Sinceramente,

**Os membros e missionários da
Missão Brasileira**

O **Crescimento** da **Missão** **Brasileira** 1953 a 1957

<i>DISTRITOS</i>	1953	1954	1955	1956	1957
BAURU					
Araçatuba (ab. 1958)	—	—	—	—	—
Bauru	11	26	46	53	87
Londrina	—	—	—	24	56
Marília	4	3	4	15	38
CAMPINAS					
Americana	4	4	4	—	28
Campinas	102	102	106	139	179
Piracicaba	10	12	17	38	58
Sorocaba	23	38	26	27	45
CAPITAL					
São Paulo - Centro	225	233	267	287	291
Penha	—	—	—	—	58
Santana	—	—	—	—	58
Taubaté	—	—	—	—	6
CURITIBA					
Curitiba	74	76	90	152	68
Ordem	—	—	—	—	128
Ponta Grossa	32	45	55	68	147
JOINVILE					
Blumenau (ab. 1958)	—	—	—	—	—
Castro	—	—	7	—	—
Ipoméia	47	42	52	55	60
Joinvile	130	134	115	139	183
Pôrto União	—	—	—	—	7
JUIZ DE FORA					
Belo Horizonte	9	9	9	17	71
Juiz de Fora	—	—	—	28	60
Petrópolis	—	—	—	—	21
PÔRTO ALEGRE					
Pôrto Alegre	86	89	96	164	165
República	—	—	—	—	40
RIO CLARO					
Araraquara	4	10	22	35	48
Ribeirão Preto	26	26	30	55	96
Rio Claro	17	25	42	61	70
RIO DE JANEIRO					
Ipanema	—	—	—	22	52
Niterói	—	—	4	8	26
Tijuca	48	55	64	35	59
SÃO PAULO					
Santo Amaro	—	—	—	34	74
Santo André	—	—	—	—	1
Santos	37	36	42	53	72
Vila Mariana	—	—	—	—	73
Jau (E. D.)	—	9	8	9	—
N. Hamburgo (E. D.)	8	8	19	—	—
Santa Maria (E. D.)	—	—	—	—	9
TOTAL	899	976	1131	1567	2413

Sacerdócio

EDITORES: Presidente Asael T. Sorensen e William S. Reich

Para o Sacerdócio da Missão



Reunião Social



Fazendo parte das atividades do grupo de Élderes do Ramo de Rio Claro, cuja liderança está a cargo de nosso estimado irmão, Luís Cunha Bueno, tivemos no dia 19 dêste a primeira reunião social realizada por êste grupo.

Apesar da noite bastante fria acompanhada de um forte vento, foi bastante animador o número de irmãos e amigos que se fizeram presentes, 36 pessoas, inclusive um bom número de amigos e simpatizantes da Igreja de Jesus Cristo.

A reunião realizou-se na residência de nosso irmão Luís Cunha Bueno que juntamente com sua esposa, irmã Ana, e filhos, foram pródigos em acumular a todos com grandes gentilezas e atenções.

A reunião constou de início com uma oração, a seguir usou da palavra Elder Mickel que falou sobre a finalidade da reunião, seguindo-se algumas brincadeiras que conservaram sempre alegres todos os presentes.

Tivemos assim a oportunidade de passar duas horas bastante agradáveis, tendo a reunião atingido a sua finalidade, como seja, avivar sempre a fraternidade, a amizade e o espírito de cooperação entre irmãos e amigos. Finalizando, tivemos farta distribuição de salgadinhos e doces, para a qual contribuíram todos os irmãos presentes, cada qual com um pequeno prato de quitutes.

Estamos todos bastante dispostos a trabalhar para que no futuro possamos ter grandes atividades e esperamos que estas atividades atinjam plenamente o seu objetivo.

Qual será a tua Colheita?

A maioria daqueles que cultivam a terra estão processando uma colheita. Gêneros em abundância estão sendo colocados nos silos, nos porões, nos armazéns. Alguns desapontamentos nos resultados têm surgido. Entre os lavradores alguns não colheram de acordo com suas expectativas. Entre esses, alguns dos fracassos registrados, podem ser atribuídos exclusivamente à própria negligência do lavrador. O lançamento à terra de semente de inferior qualidade; a falta de cultivo adequado; o não enriquecimento da terra com adubos, ou não cumprimento de métodos recomendados, são razões de fracasso e pouca colheita.

A responsabilidade dos Mestres Visitantes se compara com o trabalho dos lavradores. Lições valiosas podem ser tiradas dos que cultivam a terra.

Que colheita terás êste ano como Mestre Visitante?

Plantaste boa semente no início dêle?

Enriqueceste a vida daqueles a quem visitas mensalmente, ensinando-lhes as verdades do Evangelho?

Estão todos os membros do teu rebanho firmemente ancorados na fé?

E se não estão, porque?

Tens utilizado métodos recomendados?

Estás fazendo regularmente as visitas?

Tens feito esforços conscienciosos para melhorar a atitude daqueles que são indiferentes aos ensinamentos?

Estás dando pessoalmente um bom exemplo?

Como Mestre Visitante estás satisfeito com as perspectivas de tua próxima colheita? ■

Reminiscências...

MISSÃO BRASILEIRA



Conferência do Distrito de Porto Alegre — 5 de outubro de 1958. Na primeira fila, da esquerda para a direita: Sister Lola D. Washburn, Vilma Cardoso, Elder Dan. E. Ellsworth, Presidente Sorensen, Elders George D. Neuenschwander, Marmion Bauer, Larry J. Memmott. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes Owen N. Baker, Jr., Michael R. Moody, Norman D. Rex, Robert B. Turner.



Conferência do Distrito de Campinas — 26 de outubro de 1958 — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Elder Jerry L. Bauer, Sisters Joan Webb, Marguaret Gillies, Adele Smith, Olga Barcarollo. Segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes Larry B. Bate, Tommy L. Carter, Ronald J. Dent, Max J. Merrill, Lennis M. Knington, Carmen H. Davis, Albert L. Maloy, Gary C. Smith, John D. Hibbert.



Conferência do Distrito de Capital — 2 de novembro de 1958 — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Elderes Robert C. Carter, Richard B. Bullock, Sisters Arlene Albach, Vera Gaertner, Elderes David A. Christensen, Antonio Sanches. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes Thomas E. Young, Gert Fols, Sisters Lola A. Gygi, Phyllis Merrell, Elderes Carl L. King, Dixon Cowley. Na terceira fila, da esquerda para a direita: Elderes Keith L. Storrs, Arthur Stephens, David R. Campbell, John H. Grant, Derald L. Mitchell.

Conferência do Distrito de Rio Claro — 26 de outubro de 1958 — Elder Bernell Edwards, Sisters Sherril Burke, Lola D. Washburn, Elder Richard C. Thornock. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Elders Thomas E. McBride, Thomas L. Price, William E. Dennert, Harold L. Mickel, Max J. Ence.



Conferência do Distrito de Bauru — 19 de outubro de 1958 — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Sisters Jackie Gatlenby, Jennell Foreman, Carol B. Wheeler, Abbie L. Riggs. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes Curtis E. Clark, James L. Powell, John A. Anderson, Marvin O. Evans, Richard R. Tolman, Kenneth Rasmussen, Lawrence W. Bates, Richard N. Rollins, Roger Hutson, Ross Andre.





Conferência do Distrito de Juiz de Fora — 12 de outubro de 1958 — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Elderes Lazaro Beteto, Gert Folz, Sisters Lea Seluque, Joy Bodily, Elderes Carl R. Bonney, Philip R. Brown. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Presidente Sorensen, Elderes Robert L. Spencer, Bruce O. Jensen, Douglas McKinnon, Benjamin Pomeroy, Andrew J. Day-III. Na terceira fila, da esquerda para a direita: Elderes Stanley L. Shockley, Robert B. Wilson, Monte J. Gibson.



Conferência do Distrito de São Paulo — 10 de novembro de 1958 — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Elderes Melvin J. Schnebly, Tom C. Sowards, Donald R. Hartsfield, Denis Sorensen, Larry K. Dye, Dennis Hill, Ronald J. Lines, Don L. Andrew, Gary B. White. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes João Sanches, George W. Watt, Robert A. Baird, David L. Kjar, Gary Anderson, Richard C. Jones.



Conferência dos Distritos de Curitiba e Joinville — 28 de Setembro de 1958 — Os membros que se reuniram.



*Novos Missionários: 14 de novembro de 1958
— Da esquerda para a direita: Elderes Antonio Sanches, Charles B. Carlston, Raymond L. Hickcox, Sisters Geraldine Burningham, Mary Lou Ovard e Sister e Presidente Sorensen.*

*Foi desobrigado: 7 de outubro de 1958
ELDER TOM MOON*



*Foram desobrigadas: 24 de outubro de 1958
— Sisters Karla Allred e Jennell Forcman.*

*Foram desobrigadas: (27 de outubro de 1958)
Sisters Dolores Davis, Annette Belcher (8 de novembro de 1958) Sister Abbie Lee Riggs (14 de novembro de 1958) Adele Smith. No clichê Sisters Margie Egbert, Abbie Lee Riggs, Dolores Davis e Annette Belcher com Kristine, Mark, Norma Jean, Ellen, Colleen e Asael, Jr. Sorensen.*



As Autoridades Gerais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência

DAVID O. McKAY

Profeta, Vidente e Revelador, e Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

STEPHEN L. RICHARDS,

J. REUBEN CLARK, JR.

Primeiro Conselheiro da Primeira Presidência

Segundo Conselheiro da Primeira Presidência

Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos

JOSEPH FIELDING SMITH

Quórum dos Doze Apóstolos

HAROLD B. LEE

MARK E. PETERSEN

LeGRAND RICHARDS

JOSEPH FIELDING SMITH

HENRY D. MOYLE

RICHARD L. EVANS

SPENCER W. KIMBALL

DELBERT L. STAPLEY

GEORGE Q. MORRIS

EZRA TAFT BENSON

MARION G. ROMNEY

HUGH B. BROWN

Patriarca da Igreja

ELDRED G. SMITH

Os Conselheiros da Primeira Presidência, os Doze Apóstolos e o Patriarca da Igreja como Profetas, Videntes e Reveladores.

PROGRAMAS DE RÁDIO NO BRASIL

★ SÃO PAULO

Rádio Gazeta — Entre 16 e 17

Horas — Quintas-Feiras.

★ BAURU

Rádio Auri-Verde de Bauru —

Entre 13,15 e 13,30 Horas — Terças-Feiras.

★ LONDRINA

Norte do Paraná — Rádio Clube de Rolândia (930 Kc.) — Terças-Feiras e Sábados às 11,15 Horas.

Assistentes dos Doze

ALMA SONNE
ELRAY L. CHRISTIANSEN
JOHN LONGDEN
STERLING W. SILL

GORDON B. HINCKLEY
HENRY D. TAYLOR
WILLIAM J. CHITCHLOW, JR.
ALVIN R. DYER

O Primeiro Conselho dos Setenta

LEVI EDGAR YOUNG
ANTOINE R. IVINS

S. DILWORTH YOUNG
MILTON R. HUNTER

BRUCE R. McCONKIE
MARION D. HANKS
ALBERT T. TUTTLE

Bispado em Presidência

JOSEPH L. WIRTHLIN,
Bispo em Presidência

THORPE B. ISAACSON
Primeiro Conselheiro

CARL W. BUEHNER
Segundo Conselheiro

Oficiais da MISSÃO BRASILEIRA

WILLIAM G. BANGERTER

Presidente da Missão Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

GERALDINE BANGERTER

Presidente da Sociedade de Socorro da Missão Brasileira

PRIMEIRO QUÓRUM DE ÉLDERES

WALTER SPÄT
Presidente

RICARDO BRUNNER,
1.º Conselheiro

WERNER KURT SPORL,
2.º Conselheiro

Presidente dos Distritos

JAMES L. POWELL
Presidente do Distrito de Bauru

CARMEN H. DAVIS
Presidente do Distrito de Campinas

LENNIS M. KNIGHTON
Presidente do Distrito da Capital

WAYNE A. MILLWARD
Presidente do Distrito de Curitiba

TOM C. SOWARDS
Presidente do Distrito de São Paulo

PHILIP R. BROWN
Presidente do Distrito de Juiz de Fora

GEORGE D. NEUENSCHWANDER
Presidente do Distrito de Porto Alegre

HAROLD L. MICKEL
Presidente do Distrito de Rio Claro

DOUGLAS D. COLLIER
Presidente do Distrito do Rio de Janeiro

DANIEL H. JACOBS
Presidente do Distrito de Joinville

A Verdadeira História de Natal

(continuação da página 291)

te terminada. Foi aqui, que a verdadeira história do Natal se iniciou.

Num certo dia, um sacerdote Levita, Zacarias (³), veio ao templo, presidir sobre o altar. Enquanto a congregação esperava, Zacarias entrou na sala onde se encontrava o altar. Era chamado o Lugar Santo. Conforme ficou Zacarias ali, sozinho, viu diante de si o véu sagrado que fica em frente do Santo dos Santos. Em frente do véu estava o altar de ouro com seus braseiros cheios de cinzas da queima de incenso da noite anterior. À direita dele, viu Zacarias a mesa da proposição e à sua direita, o castiçal de ouro que fornecia as únicas luzes (⁶).

Zacarias tinha neste dia, vindo ao templo com uma oração que ardia em seu coração durante muitos anos. Ele desejava um filho. Embora já há muito tivesse passado os tempos em que ele poderia esperar um filho; entretanto, por hábito, continuava a apresentar sua súplica ao Senhor. Este era o seu pensamento principal quando se aproximou do altar de incenso.

Repentinamente Zacarias parou. Ele ficou quase cego quando a luz amena do Lugar Santo foi superada pelo aparecimento brilhante de um ser glorioso. Um anjo estava em pé à direita do altar, circundado por uma intensa luz celestial (⁷). Pela primeira vez, em mais do que 400 anos da história dos hebreus, uma revelação foi dada a um sacerdote do povo judeu.

Em terror, Zacarias começou a fugir, mas o Santo mensageiro falou-lhe: "Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João". O humilde sacerdote levita mal podia acreditar em seus ouvidos. O anjo continuou: "Ele será grande diante do Senhor... e preparará ao Senhor um povo bem disposto" (⁸).

Isto era demais para Zacarias. Como podia Isabel ter um filho? Era impossível! Ela era muito idosa. Neste espírito duvidoso ele desafiou o

anjo. "Como saberei isto? Pois eu já sou velho, e minha mulher avançada em idade" (⁹).

Os olhos que fitavam Zacarias deviam ter sido profundos como a eternidade. Duvidava Zacarias do poder de Deus? Havia ele esquecido da mãe de Sansão, da mãe de Samuel e da mãe de Isaac — todas que receberam seus filhos através de uma bênção do céu? Ou duvidava ele da autoridade do anjo?

Em tons de censura o anjo declarou:



"Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas: e eis que ficarás mudo, e não poderás falar, até o dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir" (¹⁰).

Repentinamente, o anjo desapareceu.

Quase como se estivesse atordoado, Zacarias tornou-se para terminar o rito da queima de incenso. Conforme as nuvens de vapor perfumado subiram pelo aposento, o sacerdote levita saiu para diante do povo. Por que havia ele demorado tanto? Zacarias tentou explicar, mas sua língua estava muda. Finalmente, com gestos silenciosos ele os fez entender que havia tido uma visão. (¹¹).

Cem milhas ao norte de Jerusalém, existe um certo vale baixo, cercado pelos montes da Galiléia, onde se aninhava uma vila camponesa cha-

mada Nazaré. Aqui morava uma filha de Israel que estava para se tornar uma das mais famosas mulheres do mundo. Seu nome era Miriam. Hoje, nós a chamamos "Maria" mas isto é uma mera tradução moderna do seu nome à proporção que vinha, do grego, para nós. Miriam era um nome muito popular entre os judeus (¹²). Talvez fôsse porque seus profetas, assim com os profetas nefitas, haviam predito que este seria o nome da mãe do Messias (¹³).

Pelo direito de nascimento, Miriam era uma princesa judia. Ela era uma descendente direta do Rei Davi. De fato, só recentemente ela havia sido prometida a um jovem que era também da linhagem real de Davi. Seu nome era José. Mas neste tempo particular, era de pouca importância que dois jovens herdeiros do trono de Davi estivessem vivendo na vila obscura de Nazaré. Pobreza e a louca exaltação dos conquistadores cruéis haviam deixado esses herdeiros naturais ao trono de Davi esquecidos e sem nome.

Foi provavelmente no mês de agosto, e somente seis meses depois que Gabriel tinha aparecido a Zacarias, que ele apareceu também a Maria em Nazaré (¹⁴). Ela estava só quando a visão celestial se abriu diante dela. Assim como Zacarias, ela ficou profundamente amedrontada. O brilho súbito do mensageiro celeste momentaneamente abateu-a e, mesmo antes que ela pudesse falar, a saudação de Gabriel soou em seus ouvidos. "Salve agraciada; o Senhor é contigo! Bendita és tu entre as mulheres".

Instintivamente Maria se afastou, mas com uma afirmação confortadora o anjo rapidamente acrescentou: "Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus". Então, com palavras solenes, ditas com o fim de inspirar confiança e compreensão, ele deixou sua preciosa mensagem:

"Eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus Lhe dará o trono de Davi, Seu pai".

Maria não podia compreender. "Como se fará isto?" Perguntou ela.

(continua na página seguinte)

"Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus".

Maria respondeu a esta emocionante mensagem com palavras que refletem a profundidade de sua espiritualidade e a beleza de seu caráter. "Eis aqui a serva do Senhor", disse ela, "cumpra-se em mim segundo a tua palavra".

É duvidoso que Maria ou Zacarias soubessem a verdadeira identidade deste anjo, que chamava-se a si mesmo de Gabriel; não obstante, ele deve ter-se emocionado quando esteve diante desta bela moça. Ele sabia que ela era uma pessoa da nobreza e que sua identidade e missão havia sido revelada aos profetas séculos antes dela nascer ⁽¹⁵⁾. Gabriel também sabia que Maria era um de seus próprios descendentes, pois ele não era outro senão o profeta Noé ⁽¹⁶⁾. Maria, ao olhar para sua figura brilhante, olhava o espírito inressurrecto de seu grande ancestral patriarcal.

Ao acabar de dar sua mensagem, Gabriel confiou a Maria que sua idosa prima, Isabel, também havia concebido, e que já estava em seu sexto mês ⁽¹⁷⁾. Ele então partiu.

Deixada só, Maria entesourou as palavras do anjo em segredo. Nem seus pais, nem mesmo José a quem ela amava profundamente, foram informados. Entretanto, havia uma pessoa com quem ela sentia poder compartilhar deste sagrado conhecimento. Esta era Isabel. Portanto, ela se apressou em ir e visitá-la.

Algum tempo antes da sua partida, entretanto, talvez tenha sido somente um mês antes — a glória de Deus envolveu-a, e para Maria, o milagre da nova vida começou ⁽¹⁸⁾.

Zacarias e Isabel moravam na parte montanhosa da Judéia, não longe de Jerusalém. Era uma viagem difícil, de cem milhas, por caminhos traçoceiros. Quando Maria chegou à casa de sua prima, Isabel levantou-se para saudá-la. A idosa mulher estendeu suas mãos para a moça e, sendo movida pelo Espírito do Senhor, exclamou ardentemente: "Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre". E então

acrescentou humildemente: "E donde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?"

Compreendendo que Isabel já sabia de seu grande segredo, Maria respondeu simplesmente: "A minha alma engrandece ao Senhor" ⁽¹⁹⁾.

Durante os três meses seguintes, Maria ficou com Isabel, esperando pelo tempo em que ela teria sua criança. Quando seu filho nasceu, era um menino, justamente como Gabriel havia predito, e foi uma bênção triunfante para Zacarias e Isabel. Parentes, visinhos e amigos, participaram de sua alegria e todos eles se reuniram para testemunhar a escolha do nome para esta criança maravilhosa, nascida fora de tempo.

Somente quando a cerimônia estava começando a officiar-se entretanto, é que o sacerdote oficiante determinava o nome da criança; então, ele se encontrou no meio de uma disputa entre família. Isabel disse que o nome da criança deveria ser João. Os parentes, indignados, ordenaram ao sacerdote que o chamassem como seu pai. Finalmente, quando Isabel continuou a objetar, um apelo foi feito a Zacarias. Isto foi feito por sinais, pois ele estava tão surdo quanto mudo ⁽²⁰⁾. Zacarias pediu por uma táboa, e quando a obtivera, ele escreveu nela com um estilete, "O seu nome é João". Isto causou a admiração dos parentes. Eles pensavam que o devotado levita desejasse que seu único filho levasse o nome de seu pai.

Mas no momento, eles tiveram mais uma razão para admiração. Zacarias começou repentinamente a falar. Pela primeira vez, em aproximadamente um ano, sua língua se soltou. "Bendito o Senhor Deus de Israel!" Exclamou ele. Então, fitando com orgulho seu pequeno filho, e sendo tomado pelo espírito da profecia, Zacarias declarou: "E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os Seus caminhos" ⁽²¹⁾.

Mais tarde, naquele mesmo dia, provavelmente no retiro de seu lar, um anjo veio e ordenou o infante João ao Sacerdócio. ⁽²²⁾. Nunca antes na história, tal procedimento foi seguido, mas aqui estava uma criança escolhida, cheia do Espírito Santo

desde o seu nascimento. Dêle, o Salvador mesmo, mais tarde, diria: "E Eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista" ⁽²³⁾.

Maria voltou então para sua casa em Nazaré, e lá José esperava ansioso por ela. Quanto tempo passou antes que ele soubesse que ela esperava uma criança, nós não sabemos, mas assim que ele o soube, foi invadido pelo pesar. Sob a lei judaica, noivado era quase como se o casamento, e a falta de respeito a ele era punida com morte ⁽²⁴⁾. A única alternativa era "deixá-la" por uma carta de divórcio público ⁽²⁵⁾. José não foi severo com Maria, somente ficou sentido, e assim, ele tentou "deixá-la secretamente" ⁽²⁶⁾.

Durante este momento de profunda tensão emocional, nenhuma palavra de explicação saiu dos lábios de Maria. De fato, ela mesma não tinha conhecimento da vontade do Senhor a este respeito. Ela nada mais sabia além de que sua sagrada missão poderia requerer que ela perdesse seu noivado com José.

Nas escuras horas da noite, enquanto José ponderava febrilmente sobre o repentino naufrágio de seu esperado casamento, o anjo do Senhor apareceu em um sonho e disse:

"José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. E dará à luz um filho, e chamarás o Seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados" ⁽²⁷⁾.

Quem poderia descrever a alegria transicional que inundou a mente de José quando esta revelação trouxe-lhe uma bela e simpática compreensão do sagrado chamado de Maria? E quem relatará a terna cena de quando ele confiou a Maria que partilhava de seu segredo?

O casamento de José e Maria deve ter-se seguido imediatamente, pois o anjo o havia ordenado, e, pelo tempo do senso, ou pagamento dos impostos ordenado por César, José e Maria são especificamente referidos como marido e mulher ⁽²⁸⁾.

Foi no princípio de abril, no ano 753 dos romanos, que José e Maria

(continua na página seguinte)

vieram a Belém. A exata data destes acontecimento não era conhecida com certeza até 1830, quando o Senhor afirmou como sendo o dia 6 de abril daquele ano, marcado como o 1830.º ano desde que o Salvador havia nascido na carne ⁽²⁹⁾. Antes daquele tempo, ninguém sabia a data precisa. As autoridades concordavam, entretanto, que o dia 25 de dezembro não era celebrado como Natal até o quarto século depois de Cristo, e foi estabelecido naquela data simplesmente por conveniência, porque aquela data era celebrada como um feriado nacional em honra do nascimento do deus romano, o Sol ⁽³⁰⁾. Foi conveniente que a data verdadeira do nascimento do Salvador fosse afirmada através de divina revelação.

Desde que Belém era originalmente a "Cidade de Davi" era portanto, o lar dos ancestrais de José e Maria. Em outras partes do mundo, o governo romano havia requerido que cada pessoa se registrasse para o pagamento dos impostos no lugar de residência. Na Palestina, entretanto, os judeus foram permitidos a seguir seu velho costume de retornar à região de seus ancestrais para serem registrados. Por esta razão, José e Maria tiveram que ir a Belém.

Sendo de condições modestas e por causa da condição delicada de Maria, eles tiveram que viajar vagarosamente. José e Maria não chegaram às vizinhanças de Belém até muito depois que a famosa cidade tinha começado a se encher com grandes multidões de muitas regiões mais próximas. Mesmo Jerusalém era somente a seis milhas e as multidões desacomodadas da capital nacional adicionavam à congestão de Belém. De fato, esta era também a época da festa da Páscoa. Somente isto, traria dezenas de milhares a Jerusalém e às comunidades próximas, como Belém.

Quando José e Maria aproximaram-se do término de sua longa viagem, passaram por rebanhos de ovelhas pastando nos montes. Aqui, seu grande ancestral Davi havia zelado por rebanhos em sua juventude. Aqui, Rute, sua ancestral materna havia ceifado campos de grãos. Para José e Maria este era o lar, e cada centí-

metro da terra parecia saturada de história sagrada.

Mas a Cidade de Davi não os fez bem-vindos. Conforme eles se comprimiam em seu caminho por entre as abundantes multidões de Belém, José deve ter sentido apreensão crescente. Onde ficariam eles? Em todos os lugares, encontravam a mesma resposta: "Não há quarto".

Conforme o tempo passou, a situação tornou-se desesperadora. Conhecendo a divina missão de Maria, deve ter parecido incompreensível para José que todas as portas se fechassem contra eles. Não poderia haver algum auxílio? Certamente deveria haver um lugar com conforto e conveniência para uma moça que já sentia iminente o trabalho do parto. Mas ele era abandonado em todos seus pleitos. "Não há quarto".

Abatido e ansioso, José finalmente foi forçado a aceitar o que ele teria normalmente rejeitado com desgosto: um estábulo. Sua alma deveria estar angustiada ao máximo quando pôs sua esposa tremulante nesta humilde habitação feita para o gado. Apresadadamente, ele preparou para ela a mais pobre aparência de conforto. Sem dúvida, ele conseguiu todo o auxílio que podia, da estalagem próxima, mas, mesmo o máximo que conseguisse, seria grandemente inadequado. Nenhum outro rei nasceu no mundo sob circunstâncias tão humildes.

No ano 753 dos romanos, a nação judia nunca havia sonhado que este era o ano da sua salvação, o tempo em que o seu tão longamente esperado Messias nasceria. Nas côrtes celestes de lugares celestiais, as ordens seráficas de anjos estavam em pé, em solene expectativa atenciosa, esperando que o grande Jeová desse o passo que O introduziria no inesquecível Segundo Estado. Este era o momento que dividiria a história. Sem dúvida, os antigos santos Adão e Malaquias esperavam tensamente enquanto observavam o grande drama que se iniciaria.

A somente uma milha de distância, próximo aos confins da cidade, certos anjos preparavam-se para fazer conhecida sua presença. Pastores, estando nos campos e cuidando de seus rebanhos à noite, foram escolhi-

dos para ser os recipientes de uma magnífica visão. Começou no momento em que o infante precioso de Maria nasceu. Imediatamente os pastores viram o véu da mortalidade se afastar, e um anjo ficou em pé diante deles, com uma glória que envolveu a cena numa luz radiosa. Eles pensaram que seriam consumidos e tiveram grande temor mas o anjo disse:

"Não temais, pois aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: pois, na Cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura" ⁽³¹⁾.



*Desenho por Major
BENTON FLETCHER.*

Naquele momento, as hostes celestiais não puderam mais ser controladas. Os côros majestosos de antigos Santos eclodiram em cânticos: "Glória a Deus nas alturas e na terra, paz e boa vontade entre os homens" ⁽³²⁾.

Quando a visão se encerrou, os pastores partiram imediatamente para ir à cidade e procurar o local onde estava "o menino deitado numa manjedoura". Talvez a flama vacilante de um lampião de sêbo mandasse seus raios pela noite para guiá-los até o pórtico do estábulo. E, quando em volta eles se reuniram, encontraram o pobrezinho enrolado em faixas e tendo como berço a manjedoura.

(continua na página seguinte)

Mas, em adição a isto, nada de estranho houve na natividade para impressioná-los com seu poder. Eles simplesmente observaram um campônês galileu e sua esposa com uma criança recém-nascida. Não havia hálos de luz sobre suas pessoas, nenhum querubim visível. Entretanto, com a glória dos anjos ainda em suas mentes, os pastores olharam para a criança adormecida com devoção e respeito. Jeová havia entrado na mortalidade.

Quando finalmente os pastores deixaram o estábulo, correram velozmente a avisar seus amigos e vizinhos. Para que todos ouvissem suas narrações da visão maravilhosa da noite, e das coisas que eles haviam ouvido com relação a esta criança recém-nascida. Mas o povo não se impressionou. As escrituras dizem que eles somente se "admiraram" (33). Entretanto, isto não sufocou o ardor dos pastores. Eles voltaram a seus rebanhos "glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto" (34).

Assim, as primeiras horas da manhã do primeiro Natal passaram sem outros incidentes. Enquanto a criança dormia, Maria entesourava em seu coração o triunfo impressionante desta hora.

E onde estavam os Magos? Embora as peças de Natal os tenham, não havia Magos presentes na noite da natividade. De fato, suas terras eram longe, "no Oriente". Durante as primeiras horas desta primeira manhã de Natal, eles, como os nefitas, estavam em seu próprio país, alegrando-se no aparecimento repentino de uma grande nova estrela nos céus (35).

Os profetas haviam dito que esta estrela seria o sinal pelo qual eles saberiam que o Salvador havia nascido (36). Portanto, os Magos prontamente se prepararam para partir para a terra da Palestina. Eles desejavam ver esta criança maravilhosa e dar-lhe seus presentes de devoção. Mas era uma longa viagem. Como veremos, a escritura é clara em dizer que se passaram semanas, ou mesmo meses, antes que os Magos chegassem a Belém.

Neste ínterim, Maria e José prepararam-se para cumprir as leis e ordenanças prescritas para uma criança recém-nascida. Quando a criança tinha oito dias de idade, foi levada ao sacerdote para receber um nome. O nome que eles lhe deram foi "Josué". Este era um nome comum entre os judeus, mas foi o nome que o anjo havia designado. Em Sua vida posterior, o povo O chamava de "Josué de Nazaré" para distingui-Lo de todos os outros homens que tinham o mesmo nome. Hoje nós O chamamos "Jesus". Mas, "Jesus" é simplesmente o equivalente grego modificado do nome Josué. Este nome simboliza a missão de nosso Salvador, pois ele significa, "Jeová é nossa Salvação" (37).

Depois disto, Maria repousou e esperou por trinta e dois dias, até que o período especificado da "purificação" se completasse. Então José e Maria fizeram a viagem de seis milhas a Jerusalém para apresentar Jesus no templo. Dedicar este primogênito ao serviço de Deus era um dos requerimentos da lei de Moisés (38). Era também requerido que Maria oferecesse um cordeiro novo e uma pomba, como sacrifício. Entretanto, no caso das pessoas serem pobres, duas pombas eram aceitas. É significativo que a oferta de Maria tenha sido duas pombas (39).

Vivendo em Jerusalém a este tempo, estava um sábio e devoto judeu chamado Simeão. Tão fervoroso tinha ele sido que o Senhor o abençoara com uma revelação direta, prometendo que ele não morreria até que visse o Messias. Neste dia, enquanto ele fazia suas obrigações na cidade, o Espírito Santo desceu repentinamente sobre ele. Este ordenou-lhe que se apressasse para o templo. Simeão chegou justamente quando a cerimônia estava começando. Sendo contrangido pelo Espírito, ele se apressou para diante e ternamente tomou a pequena criança em seus braços. Com profundíssima emoção, Simeão levantou seus olhos aos céus e disse:

"Agora, Senhor, despede em paz o Teu servo; segundo a Tua palavra; pois já os meus olhos viram a

Tua salvação... Luz para alumiar as nações e para glória de Teu povo, Israel" (40).

Então Simeão virou-se para Maria e no espírito da profecia falou a ela sobre a grandeza da missão que seu Filho realizaria. Ele também admoestou-a do sofrimento que ela, como Sua mãe, deveria ter — um sofrimento que seria como o despedaçar de sua alma com uma espada" (41). Trinta e três anos mais tarde, no Calvário, Maria aprendeu o significado real da trágica profecia de Simeão.

Havia também no templo, a este tempo, uma mulher muito famosa e devota que partilhava do espírito de profecia. Ela era uma viúva, de oitenta e quatro anos de idade, que servia no templo noite e dia. Seu nome era Ana, e da mesma forma, ela havia recebido um testemunho do Espírito Santo, de que Jesus era o Messias tão esperado. Ela deu testemunho para aqueles que estavam presentes e agradeceu a Deus ter vivido para ver o Salvador (42).

Depois da cerimônia, José e Maria voltaram com Jesus para Belém. A este tempo, eles tinham conseguido residência em "uma casa" que Mateus menciona especificadamente (43).

Foi depois de algum tempo que isto tinha acontecido que os Magos vieram a Jerusalém procurando pelo recém-nascido Rei dos Judeus. Estando sem instruções e inocentes ao estado das coisas daquela parte do mundo, eles vieram naturalmente a Herodes, pensando que ele deveria estar informado da identidade e do paradeiro do novo rei. Mas Herodes ficou grandemente perturbado por suas palavras. Tais convicções, como a que esses homens tinham, certamente dariam crédito a algumas histórias que se estavam espalhando rapidamente entre o povo — histórias que se haviam originado com certos pastores que testificaram solenemente que o infante Cristo tinha realmente nascido (44).

Apressadamente, Herodes consultou os sacerdotes e os escribas. Onde dizia a tradição e a profecia que seu

(continua na página seguinte)

rei haveria de nascer? "Em Belém, na Cidade de Davi", responderam eles ⁽⁴⁵⁾. Freneticamente, Herodes elaborou um plano. Certamente ele não poderia desistir de seu trono depois de tudo que havia feito — mesmo matar a sua esposa e filhos — e deixar seu trono para ser tomado por algum nefando pretendente a quem a população supersticiosa poderia levantar e clamar ser seu esperado Messias ou divino Rei. Neste espírito de ódio desesperado, ele tramou o assassinato da criança, fosse ela quem fosse.

Chamando os Magos a ele "secretamente", conseguiu deles a data precisa em que a grande estrela havia sido vista pela primeira vez em seu país ⁽⁴⁶⁾. Quando eles lho haviam dito, Herodes fê-los prometer tentar achar a criança e então informá-los, a fim de que ele também pudesse ir e adorar o novo rei. Os magos concordaram e partiram.

Rapidamente, e à noite, eles fizeram sua viagem para Belém. No caminho, novamente se alegraram em ver aquela estrela brilhante que haviam previamente visto em seu país, marcando a data em que o Salvador havia nascido. Eles pareciam estar sendo conduzidos para o lugar onde Ele estava, que não mais era um estábulo. José e Maria já há muito haviam encontrado melhores acomodações. Mateus diz que os Magos entraram "na casa" e lá ajoelharam-se diante da criança e a adoraram ⁽⁴⁷⁾. Então eles abriram seus tesouros e apresentaram-lhe com presentes de ouro, incenso e mirra.

Mais tarde, quando chegou o tempo dos Magos partirem, um anjo do Senhor apareceu-lhes em sonho e disse-lhes para não voltar a Herodes, mas para retornarem "ao Oriente", por um caminho diferente. Isto eles fizeram. Nada mais sabemos a seu respeito, nem seus nomes, seu número ou nacionalidade ⁽⁴⁸⁾. Tudo mais que é contado sobre isto é ficção. Sua única marca deixada nas páginas da história compõe-se de menos do que uma dúzia de versículos da escritura.

Neste meio tempo, Herodes esperava ansiosamente a volta dos Magos, mas quando toda a esperança se

acabou, emitiu ordens a seus mercenários servís para irem a Belém e massacrarem toda criança menor de dois anos de idade. Desde que Herodes havia perguntado especificamente aos Magos quando havia a estrela aparecido primeiramente, o que significava o nascimento do Salvador, é significativo que ele ordenasse a morte de toda criança menor do que dois anos de idade.

Conforme os soldados se apressaram a obedecer, perpetraram violentamente um dos mais horribéis crimes perpetrados sobre uma comunidade indefesa. Mas Jesus não estava lá. Mal os Magos haviam partido para o Oriente, um anjo avisou José que tomasse Maria e Jesus e rumasse para o Egito ⁽⁴⁹⁾. Lá, eles esperaram seguramente, enquanto as letais chicotadas de Herodes roubavam as mães chorosas em Belém de todas as suas crianças menores. Mas, ao mesmo tempo que Herodes ordenava esta terrível "matança de inocentes", o terrível segador da retribuição chegou para tomar sua própria vida. No mesmo momento em que teria vendido sua alma para conservar seu trono, Herodes se achou morrendo de uma das mais repugnantes doenças ⁽⁵⁰⁾. Para o povo, seu passamento foi uma bênção. Eles o celebraram com uma alegre festa ⁽⁵¹⁾.

Entre as dunas do tropical Nilo, José e Maria esperaram com o infante Jesus. Então, mesmo antes de poderem os mensageiros trazer a mensagem para o povo em geral, José foi avisado por um anjo de que Herodes tinha morrido. Imediatamente eles se prepararam para voltar para sua terra natal.

Aparentemente José e Maria pretendiam viver permanentemente em Belém, mas conforme se aproximaram da região, souberam que o cruel filho de Herodes, Arquelau, reinava sobre esta parte do reino. Cansados como estavam, continuaram em sua viagem e foram para as montanhas da Galiléia, chegando finalmente a Nazaré. Lá eles resolveram fazer seu lar.

Em todas estas circunstâncias, três grandes profecias foram cumpridas literalmente: de que Jesus nasceria

em Belém ⁽⁵²⁾; de que Ele viria do Egito ⁽⁵³⁾; e finalmente, que Ele seria chamado nazareno ⁽⁵⁴⁾. Embora esta profecia pareça contradizer as outras duas, entretanto, na sabedoria celeste, todas encontram cumprimento completo. Na vida do Salvador, nenhuma promessa de qualquer profecia, concernente a Ele, foi deixada irreconciliada.

Conforme os anos passaram, como dizem as escrituras, "Jesus cresceu em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens". Gradualmente Ele aprendeu Sua verdadeira identidade. Ele foi ensinado pelo ministério dos anjos. Na idade de trinta e três anos, estava finalmente preparado para ascender às alturas da Sua missão mortal, para a qual havia nascido. No último momento poderia ter voltado atrás. Ele não o fez. Ele passou por todas as coisas, para poder salvar todas as coisas — a raça humana, a terra e toda a vida que já esteve sobre ela. O propósito da missão do Salvador foi mais amplo do que muitos têm suposto.

Aqui, então, concluímos a história conhecida do Natal. Tudo que foi adicionado foi invenção "feita em casa" pelo homem, — a atual árvore iluminada vem a nós dos dias da antiga roma pagã, a coroa de cedros e viscos dos antigos druidas, e a excitante visita de Papai Noel, de uma tradição cristã do quarto século ⁽⁵⁵⁾.

Mas, com tudo isto, a coisa mais importante ainda sobrevive — o espírito de paz na terra, boa vontade entre os homens. Nunca, em nenhum outro tempo, a paz se chega mais perto da realidade do que no tempo do Natal. Mais amigos são lembrados e mais inimigos perdoados do que em qualquer outra parte do ano. É somente uma sombra de coisas por vir.

Não longe de nós, e cercado por Suas legiões de hostes celestiais, este mesmo Jesus trabalha hoje para o dia em que Ele voltará para a terra. Será um dia glorioso, talvez muito mais próximo do que nós pensamos, e quando chegar, os homens o chamarão o Milênio — um tempo de Natal e paz na terra, que durará mil anos.

(continua na página seguinte)

- (1) Josephus, Ware of the Jews, Bk. 1:3.
- (2) Farrar, F. W., The Life of Christ, pág. 51.
- (3) Josephus, op cit., Bk. 14, 9:4.
- (4) Talmage, James E., Jesus the Christ.
- (5) Lucas 1:5.
- (6) Lucas 1:11.
- (7) Clark, J. Reuben, "Wist Ye not That I Must be About My Father's Business?", pág. 70.
- (8) Lucas 1:13, 14.
- (9) Lucas 1:18.
- (10) Lucas 1:20.
- (11) Lucas 1:22.
- (12) Encyclopedia Americana, (1946), em "Mary".
- (13) Mosiah 3:8.
- (14) Lucas 1:26.
- (15) Nefi 11:18, Mosiah 5:8, Alma 7:10.
- (16) Doc. Hist. of the Church, Vol. III, pág. 386.
- (17) Lucas 1:36.
- (18) Talmage, op. cit., pág. 83-84.
- (19) Lucas 1:46.
- (20) Lucas 1:62.
- (21) Lucas 1:76.
- (22) D. e C. 84:28.
- (23) Lucas 27:28.
- (24) Deut. 22:23.
- (25) Deut. 24:1.
- (26) Mateus 1:19.
- (27) Mateus 1:20-21.
- (28) Lucas 2:5.
- (29) D. and C. 20:1.
- (30) Encyclopedia Americana (1946), em "Christmas".
- (31) Lucas 2:10-12.
- (32) Lucas 2:14.
- (33) Lucas 2:18.
- (34) Lucas 2:20.
- (35) III Nefi 1:21, Mateus 2:2.
- (36) Heleman 14:5.
- (37) Farrar op. cit., pág. 35 e nota.
- (38) Êxodo 13:2.
- (39) Lucas 2:24.
- (40) Lucas 2:25-32.
- (41) Lucas 2:35.
- (42) Lucas 2:36-38.
- (43) Mateus 2:11; Farrar, op. cit., página 31.
- (44) Lucas 2:17.
- (45) Mateus 2:5-6.
- (46) Mateus 2:7.
- (47) Mateus 2:11.
- (48) Talmage, op. cit., pág. 99.
- (49) Mateus 2:13.
- (50) Farrar, op. cit., pág. 54.
- (51) Ibid., pág. 55.
- (52) Miquéias 5:2.
- (53) Oséias 11:1.
- (54) Mateus 2:23.
- (55) Encyclopedia Americana (1946) em "Christmas".

traduzido por NIVIO ALCOVER

Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

Lição N.º 2 — Fevereiro de 1959

EXAMINAI AS ESCRITURAS

Aprendemos que o homem não pode ser salvo em ignorância, (D. & C. 131:6). O conhecimento que adquirimos nesta vida continua conosco eternamente, sendo, pois, de suma importância que estudemos os planos e propósitos de Deus a respeito da salvação de Seus filhos. Outros conhecimentos úteis são, sem dúvida, desejáveis, mas nenhum alto grau de cultura sobre história ou ciências compensará a ignorância sobre o evangelho. O Salvador, durante o Seu ministério, admoestou os judeus: "Examinai as escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de Mim testificam". (João 5:39). Ler as Obras Padrões da Igreja — Bíblia, Livro de Mormon, Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor — e familiarizar-se com as verdades e doutrinas ali contidas, deve ser uma prática regular nos lares dos Santos dos Últimos Dias.

O principal propósito do Senhor é que venhamos à terra para ganhar sabedoria e entendimento das verdades eternas. Entretanto, há uma tendência crescente para negligenciar o estudo das escrituras que contêm essas verdades. Há predisposição da parte de muitos a serem descuidados ou, pelo menos, falharem em resguardar os preceitos para o estudo das escrituras contidas nas Obras Padrões da Igreja.

Nós aprendemos que os pais que não ensinam os princípios do Evangelho a seus filhos serão considerados responsáveis por tal falha. (D. & C. 68:25). Os próprios pais, se não adquirirem êsse conhecimento, perderão algumas das bênçãos prometidas àqueles que adquirem uma completa compreensão do evangelho.

Sugere-se que cada família siga um programa de ler as escrituras coletiva ou individualmente. As famílias que seguem esta prática recomendável dão testemunho do seu valor.

Addison, quando realçando a importância de ler os melhores livros, disse: "Ler é para a mente, o que o exercício é para o corpo. Da mesma forma que por um a saúde é preservada, fortalecida e revigorada, pelo outro a virtude, que é a saúde da mente, é mantida viva, nutrida e aprimorada". Ler as Obras Padrões da Igreja mantém a boa saúde espiritual. Êsses livros provêm alimento para o espírito.

Conduta digna de emulação, desenvolvimento do espírito, manutenção dos padrões de moral, aquisição de virtudes nobres, aumento da fé, felicidade, disciplina sobre si próprio e valorização das qualidades de cultura e aprimoração, são as bênçãos para os que têm por costume examinar as escrituras.



"Glória a Deus nas maiores alturas e paz na
terra entre os homens a quem êle quer bem."

(Lucas 2:14)

Devolver a
A LIAHONA
Caixa Postal, 862
São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada
dentro de 30 dias.

PORTE PAGO